

## **Derrida na cena cultural dos anos 60: Entre Pós-Modernismo e Pós-Estruturalismo**

### **Derrida in the cultural scene in the sixties: between post-modernism and post-structuralism**

**José Olímpio dos Santos Neto**  
**Doutorando PPGF –UFRJ**

**Resumo:** O objetivo deste texto é questionar a possibilidade de existência de um tempo “geral” na obra derridiana, ou seja, que esteja presente em toda sua obra. Para isso, situaremos Derrida no contexto cultural dos anos 60, entre pós-modernismo e pós-estruturalismo, e abordaremos a questão da escritura. Finalmente, concluiremos o questionamento com um aceno para a desconstrução.

**Palavras-chave:** Derrida, pós-modernismo, pós-estruturalismo, tempo, escritura

**Abstract:** The aim of this paper is to question the possibility of time "general" in Derrida's work, ie, it is present in all his work. For this, we will place Derrida in the cultural context of the 60s, between postmodernism and post-structuralism, and we will address the issue of scripture. Finally, we will conclude the questioning with a nod to the deconstruction.

**Keywords:** Derrida, post-modernism, post-structuralism, time, writing

#### **Parte 1 – contexto cultural dos anos 60**

Na obra de Jacques Derrida existem concepções distintas de tempo, aplicadas a algum objeto. A estas concepções denominamos *concepções particulares*. Mas agora devemos colocar a questão: *existiria então uma concepção geral de tempo na obra derridiana, algo que a perpassasse inteiramente?*

Antes de enfrentarmos esta questão, iremos situar Derrida no contexto cultural<sup>1</sup> de sua época. Entendemos que o filósofo franco-argelino está inserido na confluência do que denominamos um *duplo pós: pós-modernismo e pós-estruturalismo*. Apresentaremos os pontos de vista de alguns pensadores sobre ambos os temas e então emitiremos nossas próprias ideias a respeito. Em primeiro lugar abordaremos o Pós-Modernismo, e em seguida, o Pós-Estruturalismo. Contudo, não há como falarmos do Pós-Modernismo sem tocarmos no Modernismo, já que o primeiro deriva do segundo. Para Abbagnano, o termo Moderno vem do latim *Modernus*, que em sentido histórico indica o período da história ocidental que começa depois do Renascimento, a partir do século XVII. A “modernidade” costuma ser associada a termos-chave como: razão, ciência, técnica, progresso, emancipação, sujeito, historicismo, metafísica, niilismo, secularização (2007,p.791-2). Abbagnano nos mostra como os pós-modernos veem a Modernidade, que, para eles se caracteriza por: 1-tender a crer em visões globais do mundo, capazes de fornecer “legitimações” filosóficas ao conhecimento e à ação, 2-usar os termos “novidade” e “superação”, 3-conceber a história como um percurso “progressivo” de que os intelectuais conhecem os fins (liberdade, igualdade, bem-estar,etc) e os meios capazes de realizá-los (difusão das luzes, revolução proletária, conquistas tecnológicas e científicas, etc), 4-tender a subordinar a multidão heterogênea dos acontecimentos e dos saberes a totalidades de sentido previamente constituídas. Então, o **Pós-Modernismo** é um termo usado, na América do Norte e na Europa, a partir dos anos 60, tanto para indicar uma série de práticas culturais presentes em âmbitos disciplinares específicos (arquitetura, artes figurativas, literatura, teatro,etc) quanto para aludir às mudanças na ordem da sociedade pós-industrial. Não faria sentido, a nosso ver, falar de Pós-Modernismo sem abordar, mesmo que rapidamente, Jean François Lyotard, a quem, de modo geral e incorreto, se atribui a criação do termo pós-moderno<sup>2</sup>. Em seu livro *A Condição Pós-Moderna*<sup>3</sup>, de 1979, Lyotard se posiciona sobre o objeto desta obra:

---

<sup>1</sup> O sociólogo Charles Lemert, em seu livro *Pós-Modernismo não é o que você pensa*, define cultura como “o complexo socialmente produzido de valores, regras, crenças, letras, artes, mídias, códigos penais, leis, ideias políticas e outras distrações, por meio dos quais uma sociedade, ou qualquer grupo social, representa sua visão do mundo tal como seus membros (...) crêem que ele é ou deveria ser (LEMERT, 2000, p.43).

<sup>2</sup> François Cusset, em seu livro *Filosofia Francesa* afirma que o verdadeiro criador da expressão “pós-moderno” foi o crítico literário norte-americano Ihab Hassan, que

Este estudo tem por objeto a posição do saber nas sociedades mais desenvolvidas. Decidiu-se chamá-la de “**pós-moderna**” (grifo nosso). A palavra é usada, no continente americano, por sociólogos e críticos. Designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX (LYOTARD, 2008,p.xv).

Sempre que se fala do pós-modernismo, há o risco de confundi-lo com a pós-modernidade. Para eliminar este entrave, distinguiremos estes termos de acordo com as posições do sociólogo Charles Lemert e do crítico literário Terry Eagleton. Lemert, em vez de referir o Pós-Modernismo ao Modernismo, o relaciona à Pós-Modernidade, pensando-o a partir dela. Para este autor, a Pós-Modernidade é um período histórico que, creem alguns, marca o fim da modernidade; o todo complexo de um período histórico social real; conforme pós-modernismo (LEMERT, 2000,p.89) E considera o Pós-Modernismo como a cultura (e as teorias) da pós-modernidade, como toda cultura ou teoria que estude, pratique, celebre ou leve a sério a ruptura da modernidade (LEMERT,2000, p.89). Já Eagleton distingue pós-modernismo (que se refere em geral a uma forma de cultura contemporânea) de pós-modernidade, que alude a um período histórico específico e é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, a ideia de progresso ou emancipação universal, os sistemas únicos, as grandes narrativas ou os fundamentos definitivos de explicação (EAGLETON, 1998, p. 7).

Charles Lemert <sup>4</sup> elaborou uma classificação deste movimento<sup>5</sup>, baseada em níveis crescentes de afinidade com relação

---

publicou, em 1971, oito anos antes de Lyotard, a obra *The Dismemberment of Orpheus, Toward a Post Modern Literature* (CUSSET, 2008,p.198).

<sup>3</sup> Como fontes de sua noção de pós-moderno, Lyotard relaciona: a sociologia da sociedade pós-industrial (Alain Touraine e David Bell), a crítica literária (Ihab Hassan), os estudos sobre performance (Benamour e Caramello) e o ensaio (M.Köhler). Sua inovação foi reunir, em uma mesma análise narrativa, elementos que antes eram considerados separadamente: o econômico (pós-industrial) e o cultural (pós-moderno) (PETERS, 2000,p.18). Observamos que Lyotard teve conhecimento do uso da expressão “pós-moderno” por Hassan, que foi uma de suas influências, mas não reconheceu este fato em seu livro *A Condição Pós-Moderna*.

<sup>4</sup> *Pós-Modernismo não é o que você pensa*. São Paulo: Loyola, 2000.

ao Modernismo. O Pós-Modernismo concorda com o Modernismo em dois pontos: 1- o compromisso com a reinterpretação de pensadores sociais clássicos modernos, como Nietzsche, Husserl e Freud; e 2- a convicção de que a linguagem ou o discurso são fundamentais para toda ciência do humano. Mas difere do Modernismo principalmente por rejeitar toda versão do ideal de uma essência, origem, totalidade ou centro universais como base para o pensamento social, para Lemert, *este último ponto é o que delimita o terreno pós-modernista*, que, além de Derrida, apresenta também outros nomes seminais, como Foucault e Lacan. Para Regina Schöpke o pós-modernismo como filosofia surgiu na França na segunda metade do século XX e se caracterizou por rejeitar os modelos globalizantes e as explicações que pretendem abarcar todos os fenômenos, ou seja, os sistemas fechados e totalizadores. Em consequência, não existe mais uma verdade absoluta, nem um parâmetro confiável para avaliar a realidade. Muitas novas teorias se encaixam neste novo movimento, tão impreciso quanto a sua própria definição. Alguns de seus principais representantes são: Jean-François Lyotard (que ajudou a difundir o termo), Jacques Derrida e Michel Foucault (SCHÖPKE, 2010,p.97-98). Já para Oswaldo Giacoia Júnior, o pós-modernismo seria uma postura ou orientação filosófica segundo a qual encontram exauridas as potências culturais – em termos éticos, religiosos, políticos e científicos – contidas no projeto iluminista de racionalização da sociedade (que, em sentido histórico, corresponde à modernidade). O desenvolvimento da moderna tecnociência, a completa secularização da sociedade, a fragmentação entre as diferentes esferas de cultura, a informatização e o controle tecnológico de quase todos os setores da vida, o aprofundamento do relativismo cultural e do niilismo ético e estético, a mudança radical no modo de configuração das relações políticas e sociais, o descrédito das “grandes narrativas” (como as ideologias e as tentativas de totalização da história) e o esvaziamento das referências universais de valor seriam os sintomas de esgotamento

---

<sup>5</sup> O Pós-Modernismo radical é o que vai mais longe ao romper com as tradições modernistas, seus expoentes são Baudrillard, Guy Débord e Lyotard. O pós-modernismo estratégico fica no meio-termo, e apresenta posição ambígua, pois ao mesmo tempo em que deseja ultrapassar o modernismo, ele o faz operando ainda dentro dele. Seus destaques são Derrida, Foucault e Lacan. Já o modernismo radical difere dos anteriores por rejeitar de forma radical que o modernismo tenha sido sequer superado. Esta corrente de pensamento tem seu expoente em Habermas, da Escola de Frankfurt.

---

Derrida na cena cultural dos anos 60: entre pós-modernismo e pós-estruturalismo  
do moderno e de transição para a fase pós-moderna da sociedade ocidental (GIACOIA, 2006,p.143-144).

Já o Pós-Estruturalismo originou-se a partir do estruturalismo. O historiador François Dosse introduz a estrutura nesta discussão:

Derivado de estrutura (*structura* em latim, do verbo *struere*), teve no começo um sentido arquitetural. A estrutura designa “a maneira como um edifício é construído”. Nos séculos 17-18, o sentido do termo “estrutura” se modifica e amplia-se por analogia aos seres vivos: tanto o corpo do homem, como a língua. O termo assume então o sentido da descrição da maneira como as partes integrantes de um ser concreto se organizam na totalidade. A postura estrutural só se apossou verdadeiramente do campo das ciências humanas num segundo tempo, recente, a partir do século 19, com Spencer, Morgan e Marx. (...). A estrutura dá então origem ao que o Vocabulário de André Lalande qualifica de neologismo: o estruturalismo, entre 1900 e 1926. Hjemslev utiliza o termo estruturalismo como programa fundador (DOSSE, 2007, p.24).

Mas de onde surgiu o termo estruturalismo<sup>6</sup>, o *conceito* de estruturalismo? Observamos que ao conceituar o estruturalismo François Dosse se vale de uma metáfora, a chamada metáfora arquitetônica (“a estrutura designa a maneira como um edifício é construído”). Jacques Derrida, mais adiante, também se valerá desta mesma metáfora, como mostraremos adiante, quando falarmos da desconstrução.

François Dosse localiza os primórdios do estruturalismo em 1945, quando este movimento se delineou como opção metodológica para todo o campo das ciências sociais. E dentre estas ciências, foi na Antropologia que este procedimento encontrou solo fértil e se desenvolveu, sobretudo a partir da publicação, por Lévi-Strauss, das

---

<sup>6</sup> O termo “estruturalismo” é criação do linguista Roman Jakobson, para designar uma abordagem estruturo-funcional de investigação científica dos fenômenos, cuja tarefa básica consistiria em revelar as leis internas de um determinado sistema (PETERS, 2000.p.22). O encontro de Jakobson com Claude Lévi-Strauss foi determinante para o surgimento da Antropologia Estrutural e conseqüentemente para maior difusão das ideias estruturalistas.

*Estruturas Elementares do Parentesco* (1952) e *Antropologia Estrutural* (1958). O ano de 1966 é considerado como o “ano-luz” do Estruturalismo, quando foram publicadas obras do porte de *Crítica e Verdade* (Barthes), *Escritos* (Lacan), *As Palavras e as Coisas* (Foucault), e este cenário de produção fértil foi responsável pela falsa imagem do movimento estruturalista como uma escola coesa e organizada.

Apresentaremos a seguir quatro definições de Estruturalismo: as de Nicola Abbagnano, Regina Schöpke, Joaquim Câmara e François Dosse; e três definições de pós-estruturalismo: as de Oswaldo Giacoia, Terry Eagleton e Michael Peters. Para Abbagnano, estruturalismo é todo método ou processo de pesquisa que, em qualquer campo, faça uso do conceito de estrutura em um dos sentidos esclarecidos, o estruturalismo é ao mesmo tempo método de investigação, análise epistemológica e pensamento filosófico (ABBAGNANO, p.440-1). Já para Schöpke, estruturalismo é uma corrente de pensamento manifestada nas formas mais variadas e que predominou de forma avassaladora na filosofia e nas ciências humanas dos anos 60. Para o estruturalismo existe a estrutura – um sistema de relações – que une os fatos e que é mais importante do que um fato individual, que é sempre transitório. Uma vez conhecida esta estrutura abstrata, cada fato passa a se constituir em uma peça que pode ser substituída sem alterar o funcionamento do conjunto (SCHÖPKE, 2010, p.97-98). Câmara utiliza uma definição baseada na Linguística, para ele estruturalismo é “propriedade que tem os fatos de uma língua de se concatenarem por meio de correlações e oposições, constituindo uma rede de associações ou estrutura. É por isso que se diz ser a língua um sistema.” (CÂMARA, 1997, p. 136-7). Já François Dosse pensa o estruturalismo como:

Um movimento de pensamento, uma nova forma de relação com o mundo, muito mais amplo do que um simples método específico para um determinado campo de pesquisa. Esse posicionamento, no entanto, surtirá resultados diferentes conforme os campos de aplicação: linguística, antropologia, sociologia, filosofia, história geral, história da arte, psicanálise, crítica literária, etc. Esse programa, já de início, busca a maior parte de sua inspiração numa única fonte: a linguística saussureana (DOSSE, 2007, p.12).

Agora passamos ao **Pós-estruturalismo**, definido por Oswaldo Giacoia Júnior como:

Corrente filosófica surgida na França, em meados da década de 60, fortemente influenciada por Nietzsche e Heidegger, reunindo pesquisadores com diferentes interesses e posicionamentos, tais como Michel Foucault, Jacques Derrida e Jean-François Lyotard – mas, confluentes a que respeita a certo conjunto de temas, como o privilégio da diferença sobre a identidade, o caráter plural do pensamento, a ruptura com os grandes empreendimentos de sistematização e totalização do conhecimento, o descentramento da subjetividade e a autonomia da produção estética; *movimento aparentado ao pós-modernismo* (grifo nosso)(GIACOA, 2006, p.143).

Para Terry Eagleton o Pós-Estruturalismo se caracteriza como:

Em lugar de ser uma estrutura bem definida, claramente demarcada, encerrando unidades simétricas de significantes e significados, ela passa a assemelhar-se muito mais a uma teia que se estende sem limites, onde há um intercâmbio e circulação constante de elementos, onde nenhum dos elementos é definível de maneira absoluta e onde tudo está relacionado com tudo (EAGLETON, 2006.p.194-5).

Michael Peters pensa o pós-estruturalismo como:

O pós-estruturalismo não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola. É melhor referir-se a ele como um *movimento de pensamento* – uma complexa rede de pensamento – que corporifica diferentes formas de prática crítica. O pós-estruturalismo é, decididamente interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitos e diferentes correntes (PETERS, 2000, p.29).

O pós-estruturalismo como movimento, teve sua primeira geração de pensadores que era francesa e composta por Derrida, Foucault, Lyotard, Deleuze, Baudrillard, dentre outros. Para a difusão das ideias destes pensadores, bem como do próprio movimento pós-estruturalista, foi muito importante a influente revista parisiense *Tel Quel*, que tinha fortes conexões com figuras literárias do porte de

Blanchot e Barthes. A primeira geração do pós-estruturalismo francês é inseparável da cena cultural parisiense dos anos 60, na qual vicejavam: as interpretações “existencialistas” da fenomenologia de Hegel, realizadas por Kojève e Hyppolite; a fenomenologia do Ser de Heidegger e o existencialismo de Sartre; a redescoberta e a “leitura” estruturalista de Freud feitas por Lacan; a onipresença de escritores como Bataille e Blanchot; a epistemologia radical de Bachelard; os estudos de ciência de Cangulihem e a recepção francesa de Nietzsche em duas vertentes, sendo a primeira a da interpretação heideggeriana, e a segunda a das leituras de Nietzsche levadas a cabo por Derrida, Deleuze, Foucault, Klossowski, entre outros (PETERS, 2000, p. 29).

Observamos que, comparando estruturalismo e pós-estruturalismo a partir da metáfora arquitetônica, passamos de um movimento, o estruturalismo, que tinha, assim como um edifício, ao menos a pretensão de possuir estabilidade, rigidez, imobilidade e delimitação, que são características típicas de uma construção. Mas a situação muda de figura quando tentamos pensar o pós-estruturalismo através da metáfora arquitetônica, e tal tarefa se revela impossível, pois o pós-estruturalismo se caracteriza pela instabilidade, fluidez, movimentação intensa e caráter difuso. Então em vez do edifício teríamos a rede ou teia como metáfora mais adequada para exprimir as características do pós-estruturalismo, como nos mostrou Terry Eagleton.

Neste momento, ao apresentarmos nosso ponto de vista sobre pós-modernismo e pós-estruturalismo, notamos que eles possuem pontos *divergentes e convergentes*. As divergências entre os movimentos se explicitam nas origens de ambos, que diferem bastante, pois o pós-modernismo surgiu das vanguardas artísticas experimentalistas ocidentais (sem relação direta com um país em particular), ao passo que o pós-estruturalismo tem origem nitidamente francesa, mas com inspiração alemã (Nietzsche e Heidegger). Mas o pós-modernismo e o pós-estruturalismo apresentam pontos em comum, são movimentos aparentados, no dizer de Giacoia Júnior (como vimos anteriormente). Também Dosse os relaciona: mas o faz pela via transversa dos movimentos que os originam: há relação entre modernismo e estruturalismo, e para Dosse o estruturalismo tem “o apetite do modernismo em busca de novos modelos”, ou seja, o estruturalismo possui a tendência, a disposição, o devir-mudança, que se manifesta no inconformismo: transcendência, em-si para além de si. Como pontos convergentes, o primeiro que destacamos é a relação

com a *alteridade*, pois ligam-se com outros movimentos que os antecederam<sup>7</sup>, mas não é fácil defini-los nem delimitar seus alcances, haja vista a quantidade de definições que apresentamos, sem esgotar o assunto, permanece, pois, uma zona de sombra que parece difícil de se eliminar.

Outros pontos convergentes entre pós-modernismo e pós-estruturalismo são: o etnocentrismo (ambos os movimentos são de âmbito europeu e norte-americano), o período histórico no qual eles se desenvolveram mais intensamente (a partir dos anos 60), o fato de ambos serem conceitos que não possuem uma essência, (quer dizer, não se definem por si mesmos, mas por diferenças em relação ao termo que os antecedeu, que lhes deu “origem”), a ruptura com os movimentos que os precederam e o fato de serem movimentos bastante heterogêneos, (de âmbito difuso, sendo a-sistemáticos). Então, há um grau de incerteza, de indiscernibilidade, de indecisão, de indecidibilidade na relação entre modernismo e pós-modernismo e estruturalismo e pós-estruturalismo, pois entendemos que o prefixo “pós” não quer dizer simplesmente depois<sup>8</sup>, nem designa uma superação do termo que vem antes; então temos um desvio, um deslocamento que não resulta em um *novo termo*, mas em termo *diferente*. Uma característica marcante e comum a ambos os movimentos é a dificuldade de situá-los, cronologicamente, em uma origem precisa. Embora no pós-modernismo tenhamos a ligação, a referência cultural com a pós-modernidade, isso não quer dizer que o pós-modernismo possua uma “data de nascimento” precisa, ou seja, que seria logo depois da Modernidade, mas até quando vai a Modernidade? Questão vaga e imprecisa, já que há bastante controvérsia a respeito. Há quem considere que ainda estamos na Modernidade, como Habermas, considerado por isso um “modernista radical” por Charles Lemert. Outra característica comum a ambos os

---

<sup>7</sup> Michael Peters, em seu livro *Pós-Estruturalismo e Filosofia da Diferença*, relaciona os movimentos pós-modernismo e pós-estruturalismo aos seus objetos de estudo, por ele denominados objetos teóricos, no caso, o modernismo e o estruturalismo (PETERS, 2000,p.9). Para ele, cada movimento “novo” tenta superar o “antigo”.

<sup>8</sup> A esse respeito, James Williams entende que o prefixo “pós” em pós-estruturalismo não quer dizer um “depois” definitivo no sentido de um obstáculo que foi ultrapassado; ao contrário, para ele esse “pós” significa “com, mas também diferente” (WILLIAMS, 2012,p.46) . Já Michael Peters cita John Sturrock, que considera Derrida como “o” pós-estruturalista, por considerá-lo como o maior crítico do estruturalismo, e interpreta o “pós” da expressão “pós-estruturalismo” como nomeando algo que “vem depois e que tenta ampliar o estruturalismo, colocando-o na direção certa” (PETERS, 2000,p.28).

movimentos era o estilo de escrita singular de seus participantes. Este estilo de escrita é responsável por resistências à assimilação e ao entendimento destes filósofos, apressadamente tachados como obscuros e de escrita incompreensível (opinião principalmente dos filósofos anglo-saxões, mais ligados à lógica e à análise de linguagem, que entendem que a filosofia deve primar pela clareza). Quando falava dos filósofos pós-modernos, Terry Eagleton disse que:

Tampouco era apenas uma questão de produzir uma literatura ou filosofia novos, mas de inventar uma maneira totalmente nova de escrever. Filósofos como Heidegger, Adorno e Derrida só podiam dizer o que tinham em mente criando novos estilos literários, rompendo os limites entre poesia e filosofia (EAGLETON, 2005. P.104).

James Williams, em seu livro *Pós-Estruturalismo*, um ponto de vista semelhante ao de Eagleton no que tange à forma de escrita peculiar, o que aproxima os pós-modernistas dos pós-estruturalistas. Para este autor

O estilo nas obras pós-estruturalistas é deliberadamente refratário a uma perfeita compreensão e deliberadamente exigem diferentes relações segundo a perspectiva. As obras pós-estruturalistas convocam variedades de interpretações diferentes e resistem a significados últimos e comunicáveis universalmente (WILLIAMS, 2012,p.32).

Outro ponto de convergência entre pós-modernismo e pós-estruturalismo: em ambos os movimentos temos componentes *políticos* importantes: Silviano Santiago resalta que no pós-modernismo temos a valorização dos setores sociais marginalizados, periféricos, o que de certo modo revela a transposição para a política da fragmentação e da dispersão típicas deste movimento. No prefácio de *A Condição Pós-Moderna* Silviano Santiago comenta que: “ a pós-modernidade é antitotalitária, isto é, democraticamente fragmentada, e serve para afiar a nossa inteligência para o que é heterogêneo, marginal, marginalizado, cotidiano, a fim de que a razão histórica ali enxergue outros objetos de estudo” (LYOTARD, 2008, p.127). A dimensão política do pós-estruturalismo se mostra na ausência do centro em detrimento da valorização da periferia, o que influenciou os

chamados *Estudos Culturais* na Universidade norte-americana (valorização da mulher, do negro, dos homossexuais, das minorias, etc).

Neste momento falaremos da importância de Derrida no cenário do pós-estruturalismo. Neste movimento, Dosse valoriza na sua definição de estrutura, a metáfora arquitetônica, como já vimos (“maneira como o edifício é construído”). Jacques Derrida, como pós-estruturalista, se valerá da mencionada metáfora arquitetônica para definir a desconstrução, como veremos adiante. Derrida, aliás, ocupa posição singular, visto que é responsável tanto pela difusão do estruturalismo como pelo nascimento do pós-estruturalismo. Esta postura ambígua se revela na *tensão* entre duas posições antagônicas, como nos mostra Dosse: de um lado, levou ao extremo a lógica estruturalista ao questionar ainda mais radicalmente toda a essência fundadora no sentido de um esvaziamento do significado; de outro lado, ainda dentro do campo estruturalista, empreende trabalho vigoroso de desconstrução das principais obras estruturalistas, denunciando suas inconsistências (*Na História da Loucura de Foucault*, o logocentrismo, no *Curso de Linguística Geral de Saussure*, o fonocentrismo, e em *Tristes Trópicos* de Lévi-Strauss, o logocentrismo e o etnocentrismo). O que é considerado como “ato inaugural” do pós-estruturalismo ocorreu na Universidade John Hopkins, que em 1966 promoveu uma grande conferência internacional<sup>9</sup> (que se tornaria imensamente famosa) com a nata da intelectualidade francesa, na qual estava incluído Jacques Derrida. Sua intervenção foi uma das mais impactantes, e ele de certa forma utilizou o próprio estruturalismo para anunciar seu rompimento com este movimento, através do seu texto que foi apresentado: *A Estrutura, o Signo e o Jogo no discurso das ciências humanas*, (que foi publicado em *A Escrita e a Diferença*), e do qual selecionamos este trecho:

---

<sup>9</sup> Os professores Richard Maksud e Eugenio Donato, da Universidade Johns Hopkins, lançaram a ideia de organizar um colóquio, que foi chamado “*The Language of Criticism and the Sciences of Man*”. A Fundação Ford apoiou a ideia e convidou vários intelectuais franceses, sendo que dez foram os convidados de honra: Jacques Derrida, Roland Barthes, Jacques Lacan, René Girard, Jean Hyppolite, Lucien Goldmann, Charls Morazé, Georges Poulet, Tzvetan Todorov e Jean-Pierre Vernant. Jakobson, Genette e Deleuze também foram convidados, mas não viajaram, e enviaram textos para serem lidos no colóquio.

Talvez tenha acontecido alguma coisa na história do conceito de estrutura que poderia ser denominada de um “acontecimento”, se esta palavra não envolvesse um significado que o pensamento estrutural – ou estruturalista – tem por função reduzir ou ver com suspeita. Falemos mesmo assim de um “acontecimento” e usemos aspas como uma precaução. Qual seria então esse acontecimento? Sua forma exterior seria a de uma **ruptura** (grifo nosso) e um redobramento (DERRIDA, 2009a, p.407).

Quanto ao pós-estruturalismo, também chama atenção a postura de Derrida, no que se refere à sua posição na “origem” deste movimento. Em 1966, no, Derrida utilizou um texto que já existia (o já mencionado *A Estrutura, o Signo e o jogo no discurso das ciências humanas* em 1966) para solicitar (abalar) as estruturas do movimento estruturalista, mas este texto só seria publicado em 1967, ou seja, no ano seguinte ao colóquio, e ainda, só no início dos anos 70 o movimento foi nomeado como pós-estruturalismo. Temos uma aporia: Derrida, ainda dentro do estruturalismo, utilizando-se de um texto anterior ao “nascimento” do pós-estruturalismo, foi percebido como pós-estruturalista anos depois, mas como se já fosse pós-estruturalista já em 1966, *como se ele sempre já tivesse sido pós-estruturalista*, mesmo antes de tal denominação sequer existir.

Ambos os movimentos afetaram de forma tão profunda a cultura, que não seria possível deixar de mencionar sua importância, suas repercussões. Quanto à questão da repercussão do pós-modernismo, podemos dizer que a expressão pós-modernismo, nosso ver, sofreu uma “inflação”, pois ultrapassou em muito o âmbito acadêmico e se popularizou, tornando-se parte da cultura popular. A esse respeito, David Harvey, em seu livro *Condição Pós-Moderna*, escrito em 1989, disse que: “Nas últimas duas décadas, “pós-modernismo” tornou-se um conceito com o qual lidar, e um tal campo de opiniões e forças políticas conflitantes que já não pode ser ignorado” (HARVEY, 2011, p.45). Segundo Leyla Perrone-Moisés, as repercussões do pós-modernismo aparecem nitidamente no meio acadêmico norte-americano, nos chamados *Estudos Culturais* (feminismo, estudos étnicos, pós-coloniais, multiculturalismo), que, desde meados da década de 1980 se disseminaram para outras partes do mundo (PERRONE-MOISES, 2007, p.168-174). Um exemplo de intelectual norte-americano influenciado pelo pós-modernismo é Frederic Jameson, crítico literário considerado por François Cusset

como símbolo da difusão do pós-modernismo, para ele: “Para além da obra singular de Jameson, a questão pós-moderna torna-se a questão cultural da América nos anos 1980” (CUSSET, 2008,p.197). E completa:” Ao integrar na Universidade tanto as novas formas festivas (..) da arte quanto as novas teorias identitárias, a rubrica de pós-modernismo resume então o *Zeitgeist*, como atesta o *New York Times* ao fazer dele “uma nova etapa fundamental para a cultura” (Op.cit,p.198). Já as repercussões do pós-estruturalismo são imensas, a sua influência se estende aos campos da pesquisa feminista, psicanálise, teoria literária, antropologia, sociologia, história, estudos de mídia, pós-coloniais, afro-americanos e helenísticos. Inicialmente restrita à França, a influência se espalhou e atingiu, nos Estados Unidos: os estudos literários (Paul de Man), feministas (Judith Butler), pós-coloniais (Edward Said, Gayatri Spivak), culturais (Stuart Hall), e na Europa marcou a sociologia (Baumann), e a antropologia (David Harvey). A primeira geração do pós-estruturalismo dos anos 60 se ramificou , no entendimento de Peters:

Como movimento, o pós-estruturalismo está em sua terceira ou quarta geração (...) Se o pós-estruturalismo, em sua primeira e segunda gerações, pode ser visto como, em grande parte, um empreendimento francês, a situação agora é bem diferente: os pós-estruturalistas de terceira e quarta gerações (feministas, pós-colonialistas, psicanalistas, neofoucaultianos, neodeleuzianos, neoderridianos) procuram desenvolver e aplicar o pensamento da primeira geração em uma série de experimentos e mutações técnicas, escapando a qualquer tentativa de definição única, porque o pensamento do pós-estruturalismo é uma obra em andamento (PETERS, 2000,p.46).

Concluindo, notamos que ambos os movimentos caracterizam-se pela imprecisão e pela possibilidade de abertura a novos significados, o que os aproximam sobremaneira da proposta derridiana da desconstrução. Sobre modernismo e pós-modernismo, disse Michael Peters:

É importante observar que os significados dos termos “modernismo e pós-modernismo” não são fixos ou estáveis: eles tem mudado historicamente como resultado de atividade teórica, *criando-se*,

assim, novos significados e interpretações. Nesse sentido, podemos dizer que não existe qualquer fechamento em torno de uma definição única. Seus significados são, sempre, questionáveis, estando abertos à interpretação, sobretudo na medida em que as pessoas que estudam esses movimentos utilizam esses temas de forma a torná-los teoricamente produtivos (PETERS, 2000, p. 16).

Já sobre estruturalismo e pós-estruturalismo, Peters nos ensina que”

O termo “pós-estruturalismo” é, ele próprio, questionável (...) podemos dizer que o termo é um rótulo utilizado pela comunidade acadêmica de língua inglesa para descrever uma resposta definitivamente filosófica ao estruturalismo que caracterizava os trabalhos de Claude Lévi-Strauss (antropologia), Louis Althusser (marxismo), Jacques Lacan (psicanálise) e Roland Barthes (literatura) (PETERS, 2000, p.28).

Observamos que nosso objetivo ao contextualizar Derrida na *cena de duplo pós* (pós-modernismo e pós-estruturalismo) foi preparar o terreno para a abordagem das questões de linguagem e da escritura. O sociólogo Charles Lemert ressaltou a importância extrema da linguagem (e conseqüentemente da comunicação) para todas as ciências humanas, no escopo de ambos os movimentos:

O pós-estruturalismo e o pós-modernismo, embora em diferentes graus e de diferentes maneiras, procuram destruir o ideal da comunicação pura e significativa entre sujeitos como um corolário para a ruptura da distinção metafísica entre sujeitos e objetos. Essa é a maneira pela qual a linguagem invade a problemática universal (LEMERT, 2000, p.128).

O antropólogo Claude Lévi-Strauss mencionou a posição de destaque da linguística em relação com as ciências sociais:

No conjunto das ciências sociais, ao qual ele indiscutivelmente pertence, a linguística ocupa um lugar excepcional: não é uma ciência social como as outras, mas aquela que, de longe, realizou os maiores progressos (...) a linguística verá com frequência

pesquisadores de disciplinas vizinhas, mas diferentes, inspirar-se em seu exemplo e tentar seguir seus passos (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.43).

Na *Gramatologia* Jacques Derrida utilizará a linguística para pensar a escritura, inclusive ele trabalha os textos de Lévi-Strauss, como *Tristes Trópicos*, desconstruindo-os, também com o intuito de pensar a escritura.

## Parte 2- A Escritura

Retomando a interrogação acerca da existência de uma concepção geral de tempo na obra derridiana, investigaremos se o quase-conceito derridiano de *Escritura* atende a estas expectativas. Mas primeiro analisaremos a sua etimologia. Em francês, *écriture*<sup>10</sup> significa, de acordo com o *Le Robert 2013*: 1- representação da palavra e do pensamento por signos gráficos convencionais destinados a durar, 2-tipo de caracteres particulares adotado por esta representação, 3- modo pessoal no qual traçamos os caracteres os escrevendo; conjunto de caracteres assim traçados, 4- operação pela qual um dado é transferido em direção a um registro, uma memória, 5- modo de se exprimir por escrito, 6-escritura, e 7-Escritura com E maiúsculo: os textos do Antigo e do Novo Testamento. O *Dicionário Semibilingue WMF* ainda concede outro sentido: estilo (de escrita).

O *significado filosófico* de escritura, conforme o *Glossário Derrida*, é: “ Antes de ser uma derivação, imagem e representação espacial da temporização da fala, a escritura – traço, *différance*, grama – não depende de nenhuma plenitude sensível, audível ou visível fônica ou gráfica. Ela permite a articulação da fala e da escrita no sentido corrente” (SANTIAGO, 1976, p.30). Já o *Derrida Dictionary* define escritura (*writing*, em inglês) como algo que ocorre no interior

---

<sup>10</sup> *Écriture* pode ser traduzido para o português como escrita ou como escritura. No Brasil a maioria dos tradutores opta por escritura, opção que concordamos. O próprio Derrida, durante entrevista concedida a Henri Ronse e publicada em *Posições*, afirmou: “ *Écriture* possui dois sentidos: o primeiro, o sentido corrente, que opõe a escrita (fonética) à fala que ela supostamente representa; e segundo, um sentido mais radical, determinado pela escritura em geral, determinado pela escritura em geral, antes de qualquer ligação com aquilo que a glossemática chama de “substância de expressão”, e que seria a raiz comum da escrita e da fala. O primeiro sentido é a escrita, o segundo é a escritura” (DERRIDA, 2001.p.14). Glossemática é o estudo dos elementos últimos a que chega a análise linguística (ABBAGNANO, 2007.p.565).

da tradição metafísica que determina o ser como presença, a voz como expressão da imediatidade que tem prioridade sobre a escrita (que é uma cópia sem vida da voz). A escrita, então, é vista como auxiliar, extrínseca, privativa e violenta em relação à palavra falada como fonte de autoexpressão do sujeito (*subject's self-expression*).

Para chegar ao quase-conceito de escritura Derrida empreendeu a tarefa da desconstrução da linguagem, como demonstrado na *Gramatologia*, considerada por diversos comentadores como sua obra mais relevante<sup>11</sup>. Logo no início deste livro, Derrida apresenta os objetivos de sua empreitada: “ Para este mundo por vir e para o que nele terá feito tremer os valores do signo, da fala e da escritura, para aquilo que conduz aqui o nosso futuro anterior, ainda não existe epígrafe” (DERRIDA, 2004b, p.6). Guardemos, por ora, a expressão “futuro anterior”, que será retomada em momento oportuno. Comentando brevemente esta citação, afirmamos que o que Derrida quis dizer com “fazer tremer os valores do signo, da fala e da escritura” foi desconstruir cada um destes conceitos, a começar pelo de signo, no caso, o signo linguístico de Ferdinand de Saussure (linguista suíço que lançou as bases da moderna ciência linguística<sup>12</sup>). Abordaremos primeiro o signo, e depois a escritura, deixando de fora deste trabalho, por questões de espaço, a fala. Para Saussure a língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e a Semiologia<sup>13</sup> é a ciência que estuda a vida dos

---

<sup>11</sup> Neste sentido, Olivier Dekens entende que a Gramatologia é um livro que tece a trama de todos os seguintes, uma trama dominada pela figura da escritura e da textualidade (DEKENS, 2008,p.49).

<sup>12</sup> No seu *Curso de Linguística Geral* Saussure afirma que a linguística percorreu historicamente um caminho de evolução que se iniciou com a Gramática (inaugurada pelos gregos, baseada na lógica e desprovida de qualquer visão científica e desinteressada na própria língua), passou pela Filologia (a partir do século XVIII com Friedrich Wolf, na filologia a língua não é seu único objeto, que visa fixar, interpretar e comentar os textos) e chegou na Linguística, que nasceu do estudo das línguas românicas e germânicas. Saussure entende a linguística como tendo largo espectro de abrangência, que se constitui por todas as manifestações de linguagem humana (...) considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão (SAUSSURE, 2006,p.13). Para o linguista genebrino, as tarefas da linguística são três: descrever e fazer a história de todas as línguas que puder abranger; procurar as forças que estão em jogo, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história; e delimitar-se e definir-se a si própria (Op.cit,p.13).

<sup>13</sup> Carvalho Castelar, em *Para Compreender Saussure*, diferencia a Semiologia da Linguística, pois a primeira possui maior abrangência: enquanto a segunda é o estudo

signos no seio da ciência social. Ele pensa conceito de signo como: “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som (...)” (SAUSSURE, 2006,p.80); então o signo é composto por duas partes: significado (o conceito) e significante (a imagem acústica), que são inseparáveis e interdependentes, pois uma não funciona sem a outra, o que levou a analogias do signo com duas faces como uma moeda ou uma folha de papel, onde não se concebe uma face sem a outra. Para Saussure, o signo possui três princípios: da arbitrariedade, da linearidade do significante e da diferença. O signo é arbitrário porque o laço que une significado e significante também o é, trata-se de uma imposição, de uma convenção<sup>14</sup>. A linearidade do significante resulta no fato do significante ser de natureza auditiva e se desenvolver extensivamente no tempo, de forma linear, pois seus elementos se apresentam em sequência, um depois do outro e formam uma cadeia. E ainda: “Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica por significado e significante; estes dois termos tem a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte” (SAUSSURE,2006, p.81). O terceiro e último princípio do signo, conforme nos ensina Dirce Eleonora Solis em *Desconstrução e Arquitetura*, é o da diferença, que é importante para nossa compreensão de que se constituem significado e significante: “Na língua não há mais que diferenças. E embora uma diferença suponha, em geral, termos positivos entre os quais ela se estabelece, na língua só há diferenças sem termos positivos” (SOLIS, 2009, p.60). Saussure tem a intenção de demonstrar como este princípio funciona; para tal irá redefinir a língua como um *sistema de valores*, o que significa que quando falamos de significante e significado um termo vale não pelo que é, pelo que se constitui positivamente, mas sim pelo que o

---

científico da linguagem humana, a Semiologia, além de abranger a linguagem humana e verbal, alcança também a linguagem dos animais e todo e qualquer sistema de comunicação, seja natural ou convencional (CARVALHO, 2005, p.29).

<sup>14</sup> Para Saussure a arbitrariedade do signo reside no fato do falante não poder alterar aquilo que seu grupo linguístico já consagrou pelo uso, ele exemplifica afirmando que nenhum de nós poderia jamais chamar mesa de livro sem parecer insano (SAUSSURE, 2006,p.36). Justamente porque o signo é arbitrário, não conhecemos outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário (Op.cit,p.88).

---

diferencia dos demais. Então o valor linguístico se mede pela diferença.

Tendo apresentado brevemente a concepção saussureana de signo, mostraremos a crítica derridiana a esta concepção. Derrida reconhece que o signo, pensado de forma clássica, está inserido em uma estrutura de *remissão e de substituição*, Saussure havia afirmado que “ a função do signo é representar a coisa durante a sua ausência” (SAUSSURE, 2006, p.58). E Derrida cita Saussure na sua *Gramatologia*: “ Língua e escritura são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro” (SAUSSURE apud DERRIDA, 2004,p.37).

Em *Margens da Filosofia*, Derrida afirma:

O signo, diz-se corretamente, coloca-se em lugar da coisa mesma, da coisa presente, “coisa” equivalendo aqui tanto ao sentido como ao referente. **O signo representa o presente em sua ausência** (grifo nosso) (...) O signo seria então a presença diferida (...) o signo, diferindo a presença, só é pensável *a partir* da presença que ele difere *e em vista* da presença diferida de que intentamos reapropriarmos. Segundo esta semiologia clássica, a substituição da coisa mesma pelo signo é simultaneamente secundária e provisória(...) (DERRIDA, 1991,p.40).

Então Derrida aponta que o signo substitui a coisa ausente, e neste ato, neste desvio, anuncia pelo menos três questões importantes: a metafísica da presença, a ausência (em contraposição à presença) e a falta de uma origem. A metafísica da presença, no dizer de Maria Continentino (*Escritura:Desconstrução da Linguagem em Derrida*) é um pensamento dualista que fundamenta a hierarquia entre os termos opostos com base numa suposta presença de sentido. A questão da ausência se revela na própria essência do signo, que é de representar a coisa ausente, por exemplo o signo “casa” representa a casa de verdade, então trata-se de algo secundário, derivado, dependente do “original”. E já que mencionamos “original”, quando falamos na falta da origem, quisemos dizer que a desconstrução do conceito tradicional de signo realizada por Derrida também rompe com a ideia cristalizada de uma origem, pois se o signo representa, se ele está ausente, não há porque falarmos em origem, que não existe mais. Então Derrida rompe com uma concepção clássica de signo (e também de linguagem) ao valorizar a margem (a ausência) no lugar do

centro (a presença), e denunciar a ainda presente herança metafísica deste conceito de signo. Retornemos à *Gramatologia*, na qual Derrida dedica toda a primeira parte a abalar e desconstruir o conceito metafísico de signo.

Retomemos a abordagem da escritura, na *Gramatologia*, onde Derrida pensa o contexto da problemática da linguagem e constata um fenômeno interessante e abrangente: o *transbordamento do conceito de linguagem* - Derrida critica, do mesmo modo que fez com o signo, o conceito tradicional de linguagem e aponta suas insuficiências: se limita à escritura puramente fonética, pois para Derrida o fundamento da lógica do pensamento metafísico é a subordinação, o *rebaixamento* da escritura diante da fala, da voz, da *phoné* que representa o *lógos* (há então um privilégio do *lógos*, da fala, que tem relação direta com o sentido). Esta concepção limitada e limitante de linguagem para Derrida revela o aprisionamento do conceito da linguagem no que ele denomina *clausura metafísica*. Em resposta a esta clausura, Derrida constata que este mesmo conceito clássico de linguagem já não dá mais conta de um excesso de sentido, por ele denominado *inflação de sentido*: “ Esta inflação do signo “linguagem” é a inflação do próprio signo, a inflação absoluta, a inflação mesma” (DERRIDA, 2004b,p.7). Se o conceito de linguagem não atende mais o excesso de sentidos, Derrida entende este fenômeno como o *transbordamento* deste conceito, no sentido mesmo de ultrapassar seus limites<sup>15</sup>, pois este conceito não era mais suficiente

---

<sup>15</sup> Neste momento julgamos oportuna a abordagem da questão dos limites no âmbito da desconstrução. James Williams, em sua obra *Pós-Estruturalismo*, trata deste assunto e lhe confere tal importância que considera os limites do conhecimento tendo papel inevitável em seu âmago, este é o denominador comum que permeia o pós-estruturalismo (WILLIAMS, 2012,p.13). Só que para Derrida os limites tem sentido distinto do convencional, que pensa os limites como indicadores de segurança e estabilidade relativas em um dado ambiente, no qual as fronteiras são menos fidedignas que o centro. No pensamento desconstrutor vemos a denúncia de todos os “centrismos”, e neste contexto o limite se torna mais confiável e mais significativo que o interior, que o centro; há uma inversão de perspectiva que coloca o limite como cerne, como mais importante. Segundo Williams” “A *definição independente* (grifo nosso) do limite é o segundo denominador comum mais importante no pós-estruturalismo. O limite não é definido por oposição ao interior, é algo positivo por si mesmo. Todo pensador pós-estruturalista define o limite como uma versão de uma diferença pura, no sentido de algo que desafia a identificação. O limite é uma coisa inapreensível que só pode ser abordada por sua função de irrupção e de mudança no âmago (no centro, observamos). Você não pode identificar o limite, mas pode rastrear seus efeitos” (WILLIAMS,2012,

para atender tudo o que em mais ou menos vinte séculos foi reunido sobre ele. Houve a transformação do problema da linguagem, que: “tanto como hoje, invadira o horizonte mundial das mais diversas pesquisas e dos discursos mais heterogêneos em intenção, método e ideologia” (DERRIDA, 2004,p.7).

Então Derrida demonstra a superação, o ultrapassamento do conceito de linguagem pelo quase-conceito<sup>16</sup> de escritura, pois a escritura vai além da linguagem, a compreende, a excede, a engloba, se *emancipa*. Na *Gramatologia* há a enunciação de um projeto, o *projeto gramatológico*, que denuncia a clausura do pensamento metafísico e do fonologocentrismo; então “tudo o que manifestava tendência e conseguia finalmente reunir-se sob o nome de linguagem começa a deixar-se resumir sob o nome de escritura” (DERRIDA, 2004d,p.8). Ilustrando o ultrapassamento do conceito de linguagem pela escritura, Derrida afirma:

(...) diz-se “linguagem” por ação, movimento, pensamento, reflexão, consciência, inconsciente, experiência, afetividade etc. Há, agora, a tendência a designar por “escritura” tudo isso e mais alguma coisa: não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita; e a seguir, além da face significante, até mesmo a face significada; e partir daí, tudo o que pode dar lugar a uma inscrição em geral, literal ou não, e mesmo que o que ela distribui no espaço não pertença à ordem da voz: cinematografia, coreografia, sem dúvida, mas também “escritura” pictural, musical, escultural,etc (DERRIDA,2004,p.10-11).

Então o projeto gramatológico visa portanto a uma reelaboração do problema da linguagem instalando a escritura em seu

---

p.15). E ainda: “Não há um âmago conhecido que não pressuponha o limite. O limite vem primeiro, não o âmago (WILLIAMS,2012,p.19).

<sup>16</sup> Derrida entende que não é possível que o pensamento seja organizado em conceitos fechados em si mesmos, homogêneos, em unidades fixas e estáveis de significado, por isso, em vez de conceito, usa a expressão quase-conceito, para dar conta desta impossibilidade. Então os quase-conceitos são indecidíveis. Em *Posições* ele define indecidíveis como: “unidades de simulacro, “falsas” propriedades verbais, nominais ou semânticas que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõe-lhe resistência, desorganizam-na, mas, *sem nunca* constituir um terceiro termo (...)” (DERRIDA, 2001,p.49).

centro (ANTONIOLI, 2007, p.87). Para enfrentarmos novamente a questão da existência de uma concepção *geral* de tempo na escritura, precisaremos retornar ao signo e introduzir a questão do *rastro*. Vimos que Derrida desconstruiu a linguística de Saussure, e propôs, de forma apropriada, usar o termo rastro no lugar de signo. O rastro escapa à presença, não tem origem. Paulo César Duque-Estrada, a respeito, disse:

No lugar do conceito de signo, Derrida lança mão do termo “rastro” (*trace*) para tratar da estrutura de significação pensada agora mais radicalmente, em função do sistema de diferenças. A razão deste nome prende-se ao fato de que, numa cadeia discursiva, cada termo – cada “signo” entre aspas – traz em si o rastro de todos os outros termos que não ele próprio, o mesmo valendo, igualmente para todos os outros termos (DUQUE-ESTRADA, 2002,p.25).

Na *Gramatologia* Derrida pensa o rastro em relação a vários aspectos, como: origem, presença, sentido, metafísica. Novamente aparece a questão da origem. Ilustramos o desejo quase obsessivo da metafísica ocidental pela origem citando o poeta Edmond Jabès disse certa vez: “Pensar a origem não é, antes de tudo, pôr a prova à origem? Desejo de um começo” (JABES, 2013, p.14). Sobre a questão da desconstrução da origem como desconstrução da linguagem, disse Ana Maria Continentino, em *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida*:

Partindo da ideia de que é a própria estrutura conceitual da linguagem que impõe a ideia de origem – ideia que, sendo uma ilusão criada pela linguagem, é aquilo mesmo que a sustenta – o projeto derridiano encaminha-se na direção de que se a linguagem é inseparável do que ela mesma põe como fundamento, qualquer questionamento sobre a própria linguagem não pode mais abordá-la preservando-se em um *fora* (...) Não mais apoiado num *fora* garantidor, num fundamento, numa origem presente em toda teoria da linguagem (...) Derrida – aliado a Nietzsche que, diferentemente dos autores citados, acolhe a instabilidade própria da linguagem –, parte para o “conceito” de *escritura*, um “conceito” que perturba e expande o âmbito da linguagem, pois que não pretende reorganiza-lo a partir de nenhuma outra ordem, mas apenas *captar o*

*movimento que lhe é próprio* (CONTINENTINO, 2010,p.27).

O rastro não é somente a desapareição da origem, ele quer dizer aqui (...) que a origem não desapareceu sequer, que ela jamais foi reconstruída a não ser por uma não-origem, o rastro, que se torna assim, a origem da origem (DERRIDA, 2004,p.75). O rastro ainda foge à presença, se não há origem, centro, não há presença a que se referir, o que leva à conclusão de que se tudo se inicia pelo rastro, e o rastro em si não é nada, não há origem. O rastro não é nada, não é um ente, excede a questão o que é e eventualmente a possibilita (DERRIDA, 2004,p.92). E ainda: o rastro é a origem absoluta do sentido em geral. O que vem afirmar mais uma vez, que não há origem absoluta do sentido em geral (...) Nenhum conceito da metafísica pode descrevê-lo (DERRIDA,2004,p.79-80).

Derrida pensa na cinza como melhor maneira de descrever o rastro:

Tenho agora a impressão que, para ele, o melhor paradigma do rastro não é, como acreditam alguns, e talvez ele próprio, a pista de caça, a abertura do caminho, o sulco da areia, a esteira do mar, o amor do passo pela pegada, mas a cinza (o que resta sem restar do holocausto, do queima-tudo, do incêndio o incenso) (DERRIDA, 1999,p.27).

Se o rastro não tem origem, não tem início ou fim, se ele sempre se esquia à presença, se o rastro é o signo desconstruído para Derrida; e se o filósofo franco-argelino, no dizer de Ana Maria Continentino<sup>17</sup>, pensa a escritura como o encadeamento de rastros, de algo que não tem como referência nem uma presença nem uma ausência (que não seria senão uma outra forma de presença), mas um jogo de referencialização, que dispensa qualquer possibilidade de organização a partir de uma origem que foi excluída do jogo em questão, podemos utilizar o rastro para pensar a temporalidade da escritura e assim investigar se esta temporalidade pode ser considerada como um tempo geral na obra derridiana. Na *Gramatologia* há o termo francês *brisure*, que é utilizado por Jacques para dizer, em uma única palavra a diferença e a articulação. Na

---

<sup>17</sup> Tese *A Alteridade no pensamento de Jacques Derrida*, 2010, p.27.

edição brasileira da *Gramatologia*, os tradutores Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro optaram por traduzir *brisure* de modo aporuguesado como “brisura”. Então Derrida pensa a brisura como:

Origem da experiência do espaço e do tempo, esta escritura da diferença, este tecido do rastro permite à diferença entre o espaço e o tempo articular-se, aparecer como tal na unidade de uma experiência (...) Portanto, esta articulação permite a uma cadeia gráfica (...) adaptar-se, eventualmente, de forma linear, sobre uma cadeia falada (“fônica”, “temporal”). É da possibilidade primeira desta articulação que cumpre partir. A diferença é a articulação (DERRIDA, 2001, p.80).

E no tocante à temporalidade do rastro:

(...) se o rastro remete a um passado absoluto é porque obriga-nos a pensar um passado que não pode mais compreender, na forma da presença modificada, como um presente-passado. Ora, como passado sempre significou presente-passado, o passado absoluto que se retém no rastro não merece rigorosamente o nome de “passado”. Os conceitos de presente, de passado e de futuro, tudo o que nos conceitos de tempo e de história deles supõe a evidência clássica – o conceito metafísico em geral – não se pode descrever adequadamente a estrutura do rastro (DERRIDA, 2001, p.81-82).

O rastro tem relação direta com a *différance* e com o *logos*, trata-se de um movimento de espaçamento, devir-espaço de tempo e devir-tempo de espaço, onde os limites entre tempo e espaço estão apagados. O rastro sempre escapa à tentativas de apreensão, pois ele é intangível, não possui essência, e o que percebemos são apenas seus efeitos, que representam o que foi uma presença em um breve instante. Então, devido ao rastro, que nunca está presente, que sempre escapa, que sempre se esquiva, e como o rastro constitui a escritura como um jogo (relação entre rastros), podemos afirmar que a escritura não tem a temporalidade comum, linear e sequencial da metafísica: “a Escritura não possui nenhum destes tempos, nem passado, nem presente, nem futuro” (DERRIDA, 2009b,p.13). A escritura é pluridimensional, pois rompe com a linearidade, quer dizer, com a possibilidade de passado, presente e futuro sequenciais, pois se

pensamos a escritura como jogo, constatamos então que o rastro é a *différance*, então o tempo do rastro, da escritura, também é o tempo da *différance*, que talvez seja o quase-conceito derridiano mais abrangente, que realmente atravessa toda sua obra.

### Conclusão

Então, se o tempo da escritura é o tempo da *différance*, e como já vimos este tempo no primeiro capítulo (como *concepção particular de tempo*) concluímos provisoriamente que não existe, na obra derridiana, o que poderíamos considerar concepção geral ou global de tempo. Mas fazemos um aceno para a desconstrução, que pode nos dar resposta diferente, concluindo pela possibilidade de uma concepção geral de tempo em Derrida. Mas isso fica como sugestão para um próximo trabalho...

Utilizaremos Rafael Haddock-Lobo, em *Derrida e o labirinto de inscrições*, para aproximar a escritura da gramatologia, que é sinônimo de desconstrução. Ele afirma:

Pode-se tentar equacionar a terminologia derridiana, por enquanto, desta maneira: o que antes se chamava linguagem e que não dá conta do que “linguagem” quer dizer (o movimento sem fim e sem origem de remetimentos e deferimentos) é agora nomeado “escritura”, o que antes se chamava signo, com o fim da dualidade significante/significado, chama-se agora “rastro” ou “grama”; o que antes seria pensado como um “princípio produtor de diferenças, mas que nada mais é que a diferencialidade mesma é a *différance*; e o pensamento que se atenta a este jogo da linguagem que é a escritura é chamado previamente “gramatologia”, sinônimo de “desconstrução” (HADDOCK-LOBO, 2008, p.76).

### Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANTONIOLI, Manola. *Abécédaire de Jacques Derrida*. Itre: Sila Maria Éditions, 2007.

CÂMARA, Joaquim. *Dicionário de Linguística e Gramática*. Petrópolis, Vozes, 1997.

CONTINENTINO, Ana Maria Amado. 2010. *A alteridade no pensamento de Jacques Derrida* (tese). Disponível em [www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/Filo/2010/artigos/teses/FILOSOFIA/Teses/AnaMaria.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/Filo/2010/artigos/teses/FILOSOFIA/Teses/AnaMaria.pdf). Acesso em 14/09/2012.

CONTINENTINO, Maria Continentino. Desconstrução da linguagem em Derrida (dissertação). Disponível em [http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/16176/16176\\_1.PDF](http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/16176/16176_1.PDF). Acesso em 14/09/2012.

CUSSET, François. *Filosofia Francesa*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DEKENS, Olivier. *Derrida pas a pas*. Paris: Ellipses, 2008.

DERRIDA, Jacques. *A Escritura e a Diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. *Feu la Cendre*. Paris: Des femmes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *Margens da Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DOSSE, François. *História do Estruturalismo, vol.1*. Bauru: Edusc, 2007.

DUQUE-ESTRADA, Paulo César. *Às Margens. A propósito de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Ed.PUC, 2002

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Pequeno Dicionário de Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Publifolha, 2006.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Derrida e o labirinto de inscrições*. Porto Alegre: Zouk, 2008.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2011.

LEMERT, Charles. *Pós-Modernismo não é o que você pensa*. São Paulo: Loyola, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LYOTARD, François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e Mexe Nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PETERS, Michael. *Pós estruturalismo e Filosofia da Diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

REY, Alain. *Le Petit Robert 2013*. Paris: Le Robert SEJER, 2012.

SANTIAGO, Silviano. *Glossário Derrida*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHÖPKE, Regina. *Dicionário Filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SOLIS, Dirce Eleonora. *Desconstrução e Arquitetura*. Rio de Janeiro: Uapê, 2009.

WILLIAMS, James. *Pós-Estruturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2012.

